



ATA da 150ª (centésima quinquagésima) Reunião Ordinária do Colegiado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, realizada no dia 16 de fevereiro de 2017.

Aos dezesseis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezessete, às quatorze horas, aconteceu a 150ª (centésima quinquagésima) Reunião Ordinária do Colegiado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, na sala 108 do módulo I do prédio Bárbara Weinberg, com a presença dos professores permanentes Ester Abreu Vieira de Oliveira, Fabíola Simão Padilha Trefzger, Lino Machado, Maria Amélia Dalvi Salgueiro, Maria Mirtis Caser, Paulo Roberto Sodré, Sérgio da Fonseca Amaral, Viviana M nica Vermes e Wilberth Claython Ferreira Salgueiro e do representante discente de doutorado Attila Piovesan. Os professores Luís Eustáquio Soares e Leni Ribeiro Leite encontravam-se oficialmente afastados. O professor Jorge Luiz do Nascimento justificou ausência por motivo de saúde. O representante discente de mestrado Filipe Marinho de Oliveira justificou ausência por motivo particular. Havendo número legal de membros presentes, a presidenta declarou aberta a sessão. **INFORMES:** 1) **In cio oficial da nova gestão em 01/02/2017 ao invés de 08/01/2017:** pela impossibilidade de assun o de cargo durante as férias, a nova coordenadora assumiu o cargo em fevereiro. 2) **Calendário acad mico 2017 da pós-gradua o, enviado pela PRPPG/Ufes:** o calendário foi enviado em anexo   convoca o pela coordena o. 3) **Pedido da SIP aos professores que assinem as atas da 142ª, 143ª, 145ª e 148ª reuniões ordinárias do colegiado do PPGL/Ufes.** 4) **Suspensão das atividades na Ufes e no PPGL nos dias 06 a 10/02/2017:** por decisão da administra o central da universidade, em fun o da crise na segurança pública do estado, não houve atividades de 06 a 10/02/2017, o que no caso do PPGL incluiu o cancelamento do curso concentrado da professora Paula Siega e o adiamento das defesas de Cintia Moraes e João Ricardo Meireles; proposta (a confirmar) de reagendamento das defesas para 16 e 23/02/2017, às 10h e às 14h, respectivamente. 5) **Publica es do PPGL:** Contexto 31 de 2017/1 (Literatura e Música) no ar. Contexto 32 de 2017/2 em fase de pareceres; Contexto 33 e 34 (2018) Dossi s Literatura de Autoras de Língua Espanhola e Literatura de Autoras de Língua Portuguesa, sob a responsabilidade de Maria Mirtis Caser, Luciana Irene Sastre (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina) e Rafaela Scardino, editoria geral de Paulo Roberto Sodré, com chamada em aberto; Livros eletr nicos do XVIII CEL do PPGL em fase de finaliza o; Lançamento do livro Literatura, Lacan e Comunismo, organizado por Luís Eustáquio Soares et al., com artigos de professores e estudantes do PPGL - lançamento reagendado para 21 de fevereiro de 2017 às 19h, no restaurante Jalape o, em fun o da situa o da segurança pública no estado do Espírito Santo na data inicialmente prevista. 6) **Finaliza o e envio do Sucupira referente a 2016:** a coordena o atual destacou que o Sucupira referente a 2016 foi integralmente conduzido pela gestão anterior e agradeceu o empenho das colegas Leni Ribeiro Leite e Maria Mirtis Caser no processo. 7) **Pr mio Capixaba de Literatura com inscri es abertas:** a coordena o lembrou que a divulga o foi enviada por e-mail ao colegiado e aos discentes e divulgado na página do Programa. 8) **Programa o de abertura do semestre:** proposta enviada ao colegiado por e-mail antecipadamente para manifesta o, dependendo de confirma o dos convidados. 9) **Pedido de**

que os orientadores estimulem seus orientandos a participarem da semana de abertura do semestre e conscientizem sobre a importância da conversa dos atuais representantes com os discentes e a convocação de eleição de novos representantes discentes no colegiado em 20/03/2017, de 16h às 17h: a coordenação lembrou, ainda, que a programação de abertura será oferecida aos estudantes regulares como Tópicos Especiais de 15 horas, com possibilidade de cumprimento de 1 crédito. **10) Destaques do documento de área Letras & Linguística da Capes:** o documento e os destaques organizados pela coordenadora anterior, prof^a. Leni Ribeiro Leite, foram enviados ao colegiado por e-mail. **11) Situação financeira do PPGL:** os dados completos sobre a situação financeira do PPGL e o extrato do convênio do PPGL com a FEST, tal como repassada pela coordenação anterior, foram enviados ao colegiado como Anexo à convocação da reunião; a coordenação atual destacou o volume de pendências financeiras do programa e a necessidade de medidas de contenção de gastos; são dívidas do Programa com membros do colegiado até a presente data: 1) R\$ 2.969,30 com a professora MARIA AMÉLIA DALVI (765,00 de 2015 + 550,00 das diárias Anpoll + 54,00 de carimbos de coordenação + 600,00 de cópias de caderno de programação do XVIII CEL + R\$ 1000,00 de lanches e certificados do XVIII CEL); 2) R\$ 5.865,78 com o professor WILBERTH SALGUEIRO (remanescente de débitos de 2015, referentes a pagamentos de bolsistas, despesas de eventos e vindas de convidados do PPGL + bolsa de fevereiro, referente a janeiro paga a Letícia Souza + terceira parcela de complementação de bolsa referente a 2016 + despesas com vinda do prof. Jaime Ginzburg para banca de mestrado realizada em janeiro); 3) R\$ 839,85 com a professora LENI RIBEIRO LEITE (referentes a pendências de 2015 e 2016); 4) R\$ 169,73 com a professora MÓNICA VERMES (referentes a despesas do XVI CEL); 5) R\$ 1775,43 com o professor PAULO SODRÉ (referentes a despesas do XVI CEL); 6) R\$ 6000,00 referentes a 4 anuidades Anpoll em atraso (2014, 2015, 2016 e 2017). **12) Mudança da equipe gestora do projeto do PPGL na FEST:** a coordenação atual informou o envio pela coordenação anterior de alteração na equipe gestora do projeto do PPGL junto à FEST: a fiscalização do projeto passou de Leni Ribeiro Leite para Maria Amélia Dalvi. **13) Reiteração de que PRPPG só autoriza passagens de professores vindos de voos diretos do Sudeste, por questão de restrição orçamentária.** **14) Chegada de Elena Manzoti (mestranda), regresso de Luiza Helena Abreu e Vanessa Anechini Schmit, e ida de Lilian Lima (doutoranda) pelo convênio Ca'Foscari, em 2017/1.** **15) Pedido aos orientadores para que atentem ao plágio nas dissertações e teses defendidas pelo PPGL/Ufes:** cartilha orientadora sobre o plágio enviada em anexo à convocação da reunião; os professores presentes à reunião manifestaram-se sobre a dificuldade de controlar e checar plágio. **16) Prazos esgotando ou por esgotar para qualificação e defesa:** informações enviadas como anexo 3 da convocação de reunião; a coordenação destacou a importância do cumprimento dos prazos de depósito e defesa e, se for o caso, para pedidos de prorrogação. **17) Novos bolsistas de mestrado convocados pela SIP para assumirem as bolsas a partir de fevereiro/2017 ou março/2017, a depender da entrega de documentação.** **18) Exigência contratual (termo de outorga) de os bolsistas de pós-doutorado e DCR da Fapes residirem no Espírito Santo, sob pena de desligamento:** os bolsistas e supervisores já foram informados por e-mail enviado pela coordenação sobre a necessidade de comprovação de residência no Espírito Santo. **19) Necessidade de os orientadores acompanharem os orientandos bolsistas, esclarecendo sobre a impossibilidade de acumulação de bolsas.** **20) Informe da coordenação sobre a importância de todos os alunos manterem sua matrícula em dia. PAUTA:** 1) Ata da 149^a Reunião Ordinária, de 30 de novembro de 2016: aprovada. 2) Proposta da coordenação de carta de agradecimento à professora Leni Ribeiro Leite e à professora Maria Mirtis Caser pela excelente gestão à frente do PPGL/Ufes no biênio 2015-2016: aprovada. 3) Proposta da coordenação de carta de agradecimento aos professores Gilvan Ventura, Julia Almeida e Stelamaris Coser, que solicitaram desligamento do PPGL/Ufes a partir de 2017, pela relevante contribuição: aprovada. 4) Solicitação de desligamento da estudante de mestrado Patricia Mara de Oliveira Maciel, orientanda do professor Paulo Roberto Sodré: a solicitação da estudante foi enviada por e-mail à coordenação; aprovada. 5) Homologação do credenciamento como membro permanente da prof^a. Arlene Batista da Silva, aprovada em consulta eletrônica: por atender a todos os critérios de credenciamento, o credenciamento da professora foi homologado. 6) Homologação do credenciamento como membro permanente

da profa. Rafaela Scardino Lima Pizzol, aprovada em consulta eletrônica: por atender a todos os critérios de credenciamento, o credenciamento da professora foi homologado. **7) Homologação da retificação do edital 01/2017 de alunos especiais:** enviada proposta ao colegiado em anexo por e-mail, com alteração do calendário; homologado. **8) Homologação da nova ementa da linha de pesquisa PAC (Poéticas da Antiguidade à Contemporaneidade):** aprovada à unanimidade em consulta eletrônica, com a seguinte redação: “POÉTICAS DA ANTIGUIDADE À CONTEMPORANEIDADE (PAC): Estudo e pesquisa de poéticas da Antiguidade à Contemporaneidade em textos narrativos, líricos, dramáticos e híbridos, considerando-se os processos de constituição da subjetividade, a autorreferencialidade literária e as inter-relações entre diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas na constituição de saberes concernentes ao literário. Os trabalhos desenvolvidos na linha dedicam-se aos processos criativos e críticos de leitura e escrita/escritura, criação e tradução e aos diálogos entre literaturas e outras artes, visando a conhecer diferentes poéticas ao longo do tempo, indagando-as a partir dos textos literários e dos discursos e práticas que ensejam.”; aprovada. **9) Finalização da ementa da linha de pesquisa LAS (Literatura: Alteridade e Sociedade):** foram apresentadas as seguintes propostas de redação decorrentes de consulta eletrônica: “LITERATURA: ALTERIDADE E SOCIEDADE (LAS): Estudo e pesquisa das relações entre literatura e sociedade sob o prisma da alteridade, pelo agenciamento de textos e sistemas literários em correlação com discursos e práticas culturais, artísticas, científicas e filosóficas historicamente situadas. Os trabalhos desenvolvidos na linha dedicam-se à produção de e sobre grupos minoritários; às indagações contra-hegemônicas a correntes e tradições [em circulação no] OU [do] campo literário; às tensões entre regional, nacional e transnacional; às questões de classe, gênero, [faixa etária] OU [geração] e [etnia] OU [raça] OU [às relações étnico-raciais]; e, enfim, às múltiplas formas de produção, publicação, circulação, recepção e apropriação da literatura na dinâmica histórico-social”. Ou seja: Proposta A – Substituição da expressão “etnia” pela expressão “raça” / Substituição da expressão “etnia” por “relações étnico-raciais”; Proposta B – Substituição de “em circulação no campo literário” por “do campo literário”; e Proposta C – Substituição de “faixa etária” por “geração”. A coordenação leu resultado de consulta aos professores da disciplina de “Educação para as relações étnico-raciais” da Ufes, sobre o uso dos termos etnia, raça e étnico-racial. Após amplo debate, foi definida a seguinte redação final: “Estudo e pesquisa das relações entre literatura e sociedade sob o prisma da alteridade, pelo agenciamento de textos e sistemas literários em correlação com discursos e práticas culturais, artísticas, científicas e filosóficas historicamente situadas. Os trabalhos desenvolvidos na linha dedicam-se à produção de e sobre grupos minoritários; às indagações contra-hegemônicas a correntes e tradições em circulação no campo literário; às tensões entre regional, nacional e transnacional; às questões e relações de classe social, de gênero, de etariedade, de geração e étnico-raciais; e, enfim, às múltiplas formas de produção, publicação, circulação, recepção e apropriação da literatura na dinâmica histórico-social.”; aprovado. **10) Retificação do edital 01/2016 (ingresso no curso de mestrado em Letras em 2017/2), com alteração das vagas oferecidas (professora Adélia: zero vagas; professora Arlene: duas vagas; professora Maria Amélia: zero vagas; professora Rafaela: duas vagas) e do Anexo II do edital, onde consta a descrição das linhas de pesquisa e a distribuição dos professores por linha de pesquisa (proposta enviada previamente por e-mail ao colegiado):** aprovada. **11) Retificação do edital 02/2016 (ingresso no curso de doutorado em Letras em 2017/2), com alteração das vagas oferecidas (professora Paula: duas vagas) e do Anexo II do edital, onde consta a descrição das linhas de pesquisa e a distribuição dos professores por linha de pesquisa (proposta enviada previamente por e-mail ao colegiado):** aprovada. **12) Definição de comissão organizadora do XIX Congresso de Estudos Literários:** a coordenação salientou sobre a importância de o evento ser autossuficiente ou minimizar as despesas para o PPGL, em face dos cortes e restrições orçamentárias; foi discutido se o evento deveria ser mantido anual ou se deveria passar a ser bianual; os presentes, em sua maioria, entenderam que era importante manter o atual modelo anual, inclusive porque os trabalhos publicados pelos livros ou anais do Congresso de Estudos Literários representam importante parte da produção discente; foram indicados os nomes dos professores Paulo Dutra e

Sérgio da Fonseca Amaral, a serem confirmados. **13) Definição de organizadores dos dossiês temáticos de 2019/1 e 2019/2 da Revista Contexto:** retirado de pauta. **14) Homologação de nova comissão de bolsas, composta por Maria Amélia Dalvi (coordenadora geral), coordenadora adjunta, Attila Piovesan (representante dos doutorandos), Gustavo Raft (representante dos mestrandos):** homologada. **15) Homologação ad referendum de banca de defesa de mestrado:** Fábio Henrique de Araújo Santos. Orientador: Luís Eustáquio Soares. Título: Entre o niilismo e a utopia: a dialética na poesia drummondiana. Integrantes da comissão: Sérgio da Fonseca Amaral (UFES), Fabiana Curto Feitosa (PMV), Jorge Luiz do Nascimento (UFES), Adriana Pin (IFES). Em 03/02/2017, às 10h: homologada. **16) Homologação ad referendum de banca de defesa de mestrado:** Bruna Pimentel Dantas. Orientador: Luís Eustáquio Soares. Título: Rupturas paradigmáticas: da moral e do discurso, no romance L’Etranger de Albert Camus. Integrantes da comissão: Jorge Luís do Nascimento (UFES), Fabiana Curto Feitosa (PMV), Sérgio da Fonseca Amaral (UFES) e Aline Prúcoli de Souza (ESCL). Em 21/02/2017, às 10h; homologada. **17) Homologação ad referendum de banca de defesa de mestrado:** Caroline Frizzera Santos. Orientadora: Fabíola Simão Padilha Trefzger. Título: Comicidade, ironia e humour em Lira dos Vinte Anos, de Álvares de Azevedo. Integrantes da comissão: Lino Machado (UFES), Andréa Sirihal Wekema (UERJ), Paulo Roberto Sodré (UFES) e Alessander Jeferson Nassau Borges (IFES). Em 21/02/2017, às 14h; homologada. **18) Homologação ad referendum de banca de defesa de mestrado:** Juliana Galvão Marques Minas. Orientador: Wilberth Salgueiro. Título: Do fim ao recomeço: um estudo do conto “O vaso azul”, de João Anzanello Carrascoza. Integrantes da comissão: Raimundo Carvalho (UFES), Vania Andrade Baeta (PUC-MG), Douglas Fiório Salomão (UFES) e José Américo de Miranda Barros (UFMG/UFES). Em 17/02/2017, às 15h; homologada. **19) Homologação ad referendum da banca de defesa de mestrado:** Luciana Rodrigues do Nascimento. Orientador: Luís Eustáquio Soares. Título: A rosa do povo de Drummond e a poética da luta de classes. Integrantes da comissão: Junia Cláudia Santana de Mattos Zaidan (UFES), Aline Prúcoli de Souza (ESCL), Orlando Lopes Albertino (UFES) e Fabiana Curto Feitosa (PMV). Em 20/02/2017, às 10h; homologada. **20) Homologação ad referendum de defesa de dissertação de mestrado:** Marcela Oliveira de Paula. Orientador: Raimundo Carvalho. Título: Uma poética em um ato: o teatro crítico de Caio Fernando Abreu. Integrantes da comissão: Sérgio da Fonseca Amaral (UFES), Maria Bernadette Cunha de Lyra (Universidade Anhembi Morumbi), Jorge Luiz do Nascimento (UFES) e Marcelo Paiva de Souza (UFPR). Em 22/02/2017, às 14h; homologada. **21) Homologação ad referendum do reagendamento de defesa de dissertação de mestrado:** João Ricardo da Silva Meireles. Orientadora: Paula Regina Siega. Título: O pequeno príncipe como obra da resistência: análise do romance de Saint-Éxupère à luz da Estética da Recepção. Integrantes da comissão: Gilvan Ventura da Silva (UFES), André Luís Mitidieri Pereira (UESC), Adélia Miglievich Ribeiro (UFES) e Maria Lúcia Kopernick (UFES). Em 16/02/2017, às 10h; homologada. **22) Homologação ad referendum do reagendamento de defesa de dissertação de mestrado:** Cíntia da Silva Moraes. Orientadora: Paula Regina Siega. Título: A trilha dos ninhos de aranha: o romance de Ítalo Calvino no contexto da resistência italiana. Integrantes da comissão: Wilberth Salgueiro (UFES), Andréa Peterle Figueiredo Santurbano (UFSC), Jorge Luiz do Nascimento (UFES) e Maria Lúcia Kopernick (UFES). Em 23/02/2017, às 14h; homologada. **23) Homologação de banca de defesa de dissertação de mestrado:** Ravena Brazil Vinter. Orientadora: Maria Amélia Dalvi. Título: (Não) leituras de obras literárias em contexto escolar: um estudo de caso a partir de versão integral e adaptações de O cortiço, de Aluísio de Azevedo. Integrantes da comissão: Arlene Batista da Silva (UFES), Renata Junqueira de Souza (Unesp), Raimundo Carvalho (UFES) e Danglei de Castro Pereira (UnB). Em 10/03/2017, às 14h; homologada. **24) Homologação ad referendum de banca de qualificação de doutorado:** Joana d’Arc Batista Herkenhoff. Orientadora: Renata Junqueira de Souza. Título: A literatura nos anos finais do ensino fundamental: concepções, práticas e acervos. Integrantes da comissão: Paulo Roberto Sodré (UFES), Elianeth Dias Kanthack Hernandez (Unesp), Leni Ribeiro Leite (UFES) e Fernando Fraga de Azevedo (Universidade do Minho). Em 19/01/2017, às 14h; homologada. **25) Homologação ad referendum de banca de qualificação de doutorado:** Vera Márcia Soares de Toledo. Orientadora: Fabíola Simão Padilha Trefzger. Título: Cronotopia e cronopatia em contos do Modernismo tardio brasileiro. Integrantes da comissão: Wilberth Salgueiro (UFES) e

Josina Nunes Drumond (AESL). Em 16/02/2017, às 15h; homologada. **26) Homologação ad referendum de banca de qualificação de doutorado:** Márcia Moreira Custódio. Orientadora: Fabíola Simão Padilha Trefzger. Título: A escrita de Maura Lopes Cançado – um contraponto com a (des)articulação da linguagem do louco. Integrantes: Rafaela Scardino Lima Pizzol (UFES), Alex Fabiano Jardim (UNIMONTES), Viviana Mónica Vermes (UFES). Em 23/02/2017, às 14h; homologada. **27) Homologação ad referendum de banca de qualificação de doutorado:** Thiago Costa Veríssimo. Orientador: Paulo Roberto Sodré. Título: O nome nas cantigas satíricas: estudo de (possíveis) personagens mouros à luz da interpretativo nominis. Integrantes da comissão: Lino Machado (UFES), Fernando Maués de Faria Jr. (UFPA), Wilberth Salgueiro (UFES) e Andréia Delmaschio (IFES). Em 20/02/2017, às 15h; homologada. **28) Pedido de prorrogação de prazo de defesa de mestrado:** Josineia Sousa da Silva. Orientadora: Maria Amélia Dalvi. Alega necessidade de prazo para revisão formal do trabalho, em virtude de atraso na devolutiva da orientadora em razão da assunção da coordenação do PPGL. Solicita três meses de prorrogação. A orientadora está de acordo; aprovado. **29) Pedido de prorrogação de prazo de defesa de mestrado:** Filipe Marinho de Oliveira. Orientador: Wilberth Salgueiro. O pedido não explicita motivos. Solicita dois meses de prorrogação. O orientador está de acordo; aprovado. **30) Pedido de prorrogação de prazo de defesa de mestrado:** Fabiani Rodrigues Taylor Costa. Orientadora: Renata Junqueira de Souza. Alega mudança de orientador e alega que na qualificação houve mudança de enfoque na pesquisa. Solicita dois meses de prorrogação. A orientadora está de acordo; aprovado. **31) Pedido de prorrogação de prazo de defesa de mestrado:** Vanessa Anecchini Schmid. Orientador: Paulo Roberto Sodré. Alega necessidade de finalizar o intercâmbio com a Universidade Ca'Foscari de Veneza. Solicita três meses de prorrogação. O orientador está de acordo; aprovado. **32) Pedido de prorrogação de prazo de defesa de mestrado:** Taiga Bertolani Scaramussa. Orientadora: Fabíola Simão Padilha Trefzger. Alega processo depressivo ao longo de 6 meses e acrescenta laudo psiquiátrico de estabilidade do quadro há cerca de um ano e meio, o que acarretou atraso no processo de escrita. Solicita três meses de prorrogação. A orientadora está de acordo. A coordenação informou que, diferentemente do exigido pelas normas, o material escrito até o momento não possui 50 páginas, mas apenas 14; solicitação de prorrogação aprovada. **33) Pedido de prorrogação de prazo para defesa de mestrado:** Selso Vieira Farias Junior. Orientadora: Jurema José de Oliveira. Alega necessidade de prazo para revisão dos capítulos. Solicita três meses de prorrogação. A orientadora está de acordo; aprovado. **34) Pedido de prorrogação de prazo para qualificação de doutorado:** Cibele Verrangia Corrêa da Silva. Orientadora: Adelia Miglievich-Ribeiro. Alega atraso na devolutiva da orientadora. Solicita um mês de prorrogação. A orientadora está de acordo; aprovado. **35) Pedido de prorrogação de prazo de defesa de mestrado:** Fernanda Nali de Aquino. Orientador: Jorge Luís do Nascimento. Alega sobrecarga de trabalho e necessidade de mais um mês para conclusão do texto da dissertação. A coordenação fez o despacho, mas não havia parecer do orientador; o parecer do orientador, favorável à prorrogação, foi apresentado na reunião; aprovado. **36) Pedido de prorrogação de prazo para defesa de mestrado:** Henrique Albuquerque Firme. Orientador: Sérgio da Fonseca Amaral. Alega troca de orientação já nos últimos meses de curso. Solicita três meses de prorrogação. A coordenação faz o despacho, mas não há parecer do orientador na documentação. O orientador manifestou-se verbalmente favorável à prorrogação; aprovada. **37) Parecer da comissão recredenciamento:** já enviado ao colegiado por e-mail antecipadamente e reenviado em anexo à convocação; transcrito no Anexo 1 desta ata, com exceção à listagem item a item de produção, pois a produção docente está disponível à consulta pública via Plataformas Lattes e Sucupira; o parecer foi provado na íntegra, com o acréscimo de que os professores Jorge Luiz do Nascimento e Raimundo Carvalho (permanentes) e Paulo Roberto de Souza Dutra (colaborador) devem enviar justificativa por escrito para o não atendimento aos critérios de recredenciamento. **38) Adequação do PPGL aos percentuais de professores permanentes e colaboradores:** conforme o documento de área vigente, os programas devem ter no máximo 20% de professores colaboradores e um percentual em dedicação exclusiva à universidade; em função de o PPGL estar com seu percentual máximo de colaboradores estrangulado, foi decidido: suspender o credenciamento de novos professores colaboradores; só credenciar professores em dedicação exclusiva e na condição de professores permanentes. **39) Solicitação do prof. Paulo R. Sodré de alteração de categoria, de professor**

permanente para professor colaborador (solicitação enviada em 20/06/2016): retirado de pauta em função da decisão anterior. **40) Parecer da comissão de apuração de denúncia de plágio – dissertação de Silvana Bissoli:** a coordenação enviou o parecer da comissão (transcrito no Anexo 2 da Ata) previamente por e-mail, para leitura dos membros do colegiado. O parecer da comissão, que confirma a existência de plágio na dissertação, foi aprovado na íntegra. O colegiado decidiu que o parecer seja encaminhado na íntegra à PRPPG/Ufes para providências. **41) Proposta de mudança nas normas de composição de bancas:** a coordenação explicou que só conta como membro externo ex-aluno que tenha defendido há mais de 3 anos – pois, para a Capes, o egresso até 3 anos conta como membro interno; os professores se comprometeram a atentar à situação; foi baixada de pauta a mudança de composição de banca. **42) Proposta da coordenação de limitação de gasto com passagens e diárias para convidado para banca:** foi explicada a preocupação de que o valor do PROAP não seja suficiente para cobrir todas as bancas e eventos do PPGL. Em função dessa preocupação, foi decidido que as bancas seriam preferencialmente por webconferência ou com membros residentes no Espírito Santo ou que não gerem ônus de passagens (exceto se forem participar de mais de uma atividade no PPGL); foi decidido que não serão pagas passagens para participação em bancas de mestrado ou doutorado fora do prazo; foi decidido que para as bancas de doutorado só serão pagas passagens para um membro externo, devendo o outro participar por webconferência ou outro meio que não gere ônus. **43) Composição de comissão para atualização do regimento interno do PPGL em face da reforma curricular, das normas de composição de bancas e do percentual de professores permanentes e colaboradores:** a comissão foi composta pelos professores Paulo Roberto Sodré e Sérgio da Fonseca Amaral. **44) Desligamento da doutoranda Rafaela Skárlaty Lócio Dantas:** retirado de pauta. **INCLUSÃO: 45) Homologação de banca de defesa de dissertação de mestrado:** Danielle da Silva Apolinário. Orientadora: Maria Mirtis Caser. Título: Dos pés à cabeça: moda e modos em Sapato de salto, de Lygia Bojunga. Membros da comissão: Stemaris Coser (membro titular interno); Karina Fleury (membro titular externo); Ana Gabrecht (suplente interno); Regina Simon (UFRN) (suplente externo). Em 22/02/2017, às 10h. **46) Alteração na data de início do semestre letivo:** em função da mudança de calendário acadêmico e do remanejamento das férias docentes, foi decidido que a programação de abertura de semestre ocorrerá de 20 a 24 de março de 2017 e o início das aulas em 27 de março de 2017 e término do semestre letivo acompanhando a graduação. **47) Foi proposto pelo colegiado que, para a próxima turma de ingressantes, além dos documentos tradicionalmente solicitados pela secretaria que seja incluído um documento em que o estudante se compromete a não cometer plágio em seus trabalhos para as disciplinas, nas publicações em que figure como aluno e ex-aluno do programa e no trabalho final (dissertação ou tese):** aprovado. Nada mais havendo a tratar, a presidenta agradeceu aos presentes e deu a sessão por encerrada; em seguida, lavrou a presente ata, que, após lida e aprovada, vai assinada pelos presentes. Vitória, 16 de fevereiro de 2017.

Maria Amélia Dalvi
Coordenadora Geral do PPGL/Ufes e Secretária Ad Hoc
Siape 2751144

Anexo 1: Parecer da Comissão de Recredenciamento

COMISSÃO DE RECRENCIAMENTO

1. Normas de Recredenciamento:

“4º Ao final de cada ano letivo, serão reconhecidos o docente permanente que atender a todos os critérios abaixo especificados e o docente colaborador que atender a no mínimo cinco dos critérios abaixo especificados:

- a) integrar pelo menos 2 grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, com área afim à de Estudos Literários;
- b) estar vinculado a um ou mais projetos de pesquisa, coordenando, pelo menos, um;
- c) apresentar, no mínimo, 8 (oito) itens da Produção 1 nos últimos quatro anos;
- d) ter orientado ou estar orientando pelo menos três alunos de Iniciação Científica ou monografia ou trabalho de conclusão de curso nos últimos três anos;
- e) ter orientado ou estar orientando duas dissertações ou teses nos últimos três anos;
- f) ter ministrado uma disciplina no PPGL, pelo menos, a cada três semestres letivos;
- g) manter atualizado, semestralmente, o currículo Lattes.

Entende-se por produção 1: livro; organização de livro; capítulo de livro; organização de número temático ou de dossiê de periódico; editoria de periódicos científicos; **artigo e resenha em periódico nacional ou estrangeiro com arbitragem de pares, classificados entre A1 e B2**; trabalho completo em anais de congressos internacionais publicados no exterior ou no Brasil, no caso eventos internacionais itinerantes, com arbitragem de pares; tradução de livro ou de capítulo de livro e artigo científico; livros didáticos destinados ao ensino fundamental, médio e superior; prefácio e verbetes descritivos que se configurem como ensaio. **A produção em periódicos será avaliada conforme o Qualis da área de Letras & Linguística.”**

ITEM A

Todos os professores permanentes cumprem, conforme consulta ao Diretório de grupos de Pesquisa CNPq em 09/01/2017.

Os professores colaboradores Lino Machado e Paulo Dutra só pertencem a um grupo de pesquisa.

ITEM B

Todos os professores permanentes cumprem, conforme consulta aos currículos Lattes entre 20 e 22/12/2016.

ITEM C

Conforme importação dos currículos Lattes, entre 20 e 22/12/2016, eis os itens de produção 1, avaliados conforme o Qualis 2015 na área Letras/Linguística. Não estão listados todos os itens, apenas os suficientes para cumprir com a exigência mínima de oito itens.

[...]

TABELA DE PRODUÇÃO APURADA A PARTIR DO LEVANTAMENTO

| PROFESSOR | PERIÓDICO (A1 A B2) | LIVRO, CAPÍTULO E ORGANIZAÇÃO | TEXTO COMPLETO EM ANAIS |
|-----------|---------------------|-------------------------------|-------------------------|
| 1. ADÉLIA | - | 10 | 11 |
| 2. ESTER | 6 | 13 | - |

| | | | |
|-----------------------|-----------|------------|-----------|
| 3. FABÍOLA | 1 | 8 | - |
| 4. JORGE | - | 5 | - |
| 5. JUREMA | 3 | 15 | - |
| 6. LENI | 7 | 10 | - |
| 7. LINO | 3 | 5 | - |
| 8. LUÍS EUSTÁQUIO | 2 | 15 | - |
| 9. LUIS FERNANDO | - | 13 | - |
| 10. MARIA AMÉLIA | 9 | 12 | 3 |
| 11. MARIA MIRTIS | 4 | 9 | - |
| 12. PAULA | 4 | 3 | - |
| 13. PAULO DUTRA | 2 | 1 | 1 |
| 14. PAULO SODRÉ | 3 | 9 | - |
| 15. RAIMUNDO | 4 | 6 | - |
| 16. RENATA | 9 | 5 | - |
| 17. SÉRGIO | 2 | 6 | 1 |
| 18. VIVIANA MÓNICA | - | 7 | 5 |
| 19. WILBERTH | 9 | 14 | - |
| TOTAIS | 68 | 166 | 21 |

Todos os professores cumprem, exceto Jorge (permanente - 5) e Paulo Dutra (colaborador, 4+2).

ITEM D

Entre os professores permanentes os seguintes não orientaram ou estão orientando ao menos três alunos de IC/trabalho de conclusão de curso nos últimos três anos: Ester Abreu Vieira de Oliveira, Jorge Luiz do Nascimento, Raimundo Carvalho.

Entre os professores colaboradores os seguintes não orientaram ou estão orientando ao menos três alunos de IC/trabalho de conclusão de curso nos últimos três anos: Lino Machado, Luís Fernando Beneduzi, Paulo Dutra.

ITEM E

| | | | | | | | | |
|---|---|----|----|----|----|----|----|--|
| WILBERTH | OK | OK | OK | OK | OK | OK | OK | |
| PERMANENTES QUE ATENDERAM AOS CRITÉRIOS DE RECRENCIAMENTO (8 ITENS) | ADÉLIA, ESTER, FABÍOLA, JUREMA, LENI, LUÍS EUSTÁQUIO, MARIA AMÉLIA, MARIA MIRTIS, PAULO SODRÉ, SÉRGIO, VIVIANA MÓNICA, WILBERTH | | | | | | | |
| PERMANENTES QUE NÃO CUMPRIRAM | JORGE, LINO (TERMINANDO ORIENTAÇÕES), RAIMUNDO | | | | | | | |
| COLABORADORES QUE ATENDERAM AOS CRITÉRIOS DE RECRENCIAMENTO (5 DOS 8) | LUIS FERNANDO, PAULA, RENATA | | | | | | | |
| COLABORADORES QUE NÃO CUMPRIRAM | PAULO DUTRA | | | | | | | |

Salvo melhor juízo, o parecer da comissão, SOBRE O TÓPICO “ATENDIMENTO A OS CRITÉRIOS DE RECRENCIAMENTO”, é:

Recredenciar os professores permanentes: ADÉLIA, ESTER, FABÍOLA, JUREMA, LENI, LUÍS EUSTÁQUIO, MARIA AMÉLIA, MARIA MIRTIS, PAULO SODRÉ, SÉRGIO, VIVIANA MÓNICA e WILBERTH.

Recredenciar os professores colaboradores: LUIS FERNANDO, PAULA e RENATA.

Discutir em reunião a situação dos professores permanentes: JORGE e RAIMUNDO.

O professor permanente LINO já sinalizou o desejo de se desligar do programa após a conclusão das orientações em andamento.

Discutir em reunião a situação do professor colaborador: PAULO DUTRA.

Vitória, 13 de janeiro de 2017.

Anexo 2: Parecer da comissão para apuração de denúncia de plágio

Parecer

Prezada coordenadora,

Trata o presente parecer de apuração de denúncia de plágio em Dissertação de Mestrado defendida junto a este Programa em fevereiro de 2015, de autoria de Silvana Costa Bissoli, intitulada “OS AVATARES DA CULTURA ITALIANA EM KARINA, ROMANCE DE VIRGÍNIA TAMANINI”. A denunciante, profa. Me. Rosana de Oliveira Prado dos Santos, denuncia que a ex-aluna do PPGL-Ufes teria se apropriado indevidamente de partes de seu artigo em co-autoria com Alexandra Santos Pinheiro: “A MOCIDADE DE TRAJANO: A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO PRECONCEITO NO BRASIL DO SÉCULO XIX”, publicado em outubro de 2012 na Revista Literatura e Autoritarismo, periódico eletrônico disponível online. A denunciante afirma ainda que trechos inteiros teriam sido copiados de sua publicação, sem a devida indicação de autoria ou crédito de fonte.

Esta Comissão, aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras em reunião ordinária de 19 de outubro de 2016, reuniu-se para apurar a denúncia. A Comissão observou que:

- a) O artigo da denunciante não se encontra listado na seção de referências bibliográficas da dissertação;
- b) As páginas 78 a 80 da dissertação de Silvana Costa Bissoli contém uma sucessão de frases que, quando comparadas com as páginas 35 a 38 do artigo de Rosana de Oliveira Prado dos Santos e Alexandra Santos Pinheiro, guardam semelhança incontestável, como se poderá observar no documento anexo I deste parecer;
- c) Além do plágio apontado, o uso de ferramenta de detecção de plágio levou a Comissão a observar uma série de outros plágios na dissertação, uma pequena amostra dos quais vem descrita no documento anexo II a este parecer, com indicação da fonte; a lista não é de forma alguma exaustiva. Cumpre observar que nenhuma das fontes apontadas consta da bibliografia da dissertação em questão.

d)

Assim, a Comissão entende que cumpre com seu papel ao apresentar indícios que confirmam a denúncia feita, e é de parecer que se dê prosseguimento às medidas cabíveis.

Atenciosamente,

Ana Penha Gabrecht

Leni Ribeiro Leite

Lino Machado

Anexo I - Comparação da dissertação de Silvana Costa Bissoli com o artigo da denunciante

BISSOLI, 2015, p.78

No que tange à "representação" em termos conceituais, a palavra vem do latim e é um termo recheado de significados sendo, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento dos Estudos Culturais e Literários. De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, representação é conceituada como "conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento".

Roger Chartier, conceituando a representação em sua obra *História Cultural*:

Entre práticas e Representações, afirma que os historiadores nas décadas de 1950 e 1960 acreditavam que o saber inerente à história

devia sobressair à narrativa, enfatizando ainda que o mundo da narrativa era o mundo da ficção, do imaginário, da fábula. Ele esclarece também que o papel das representações na História Cultural é importante para "[...] identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p.17).

Essa afirmação de Chartier contribui para compreendermos a obra literária, nesse caso a de Tamanini, de forma a possibilitar a (re)leitura da imigração italiana no Espírito Santo.

SANTOS & PINHEIRO, 2012, p.35-36

No que tange à "representação" em termos conceituais, a palavra vem do latim e é um termo recheado de significados sendo, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento dos Estudos Culturais e Literários. De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, representação é conceituada como "conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento". Roger Chartier (1990), conceituando a representação em sua obra *História Cultural: entre práticas e Representações*, afirma que os historiadores nas décadas de 1950 e 1960 acreditavam que o saber inerente à história devia sobressair à narrativa, enfatizando ainda que o mundo da narrativa era o mundo da ficção, do imaginário, da fábula. Ele esclarece também que o papel das representações na História Cultural é importante para "[...] identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990 p.17). Embora a afirmação de Chartier seja relativa à sua pesquisa acerca da História do livro e da leitura, ela contribui para compreendermos a obra literária, nesse caso a de Taunay, de forma a possibilitar a (re)leitura do Brasil colonial.

BISSOLI, 2015, p.78-9

Para Roger Chartier, o próprio ato de "representar" é uma prática social e as práticas sociais não podem ser compreendidas sem as mediações simbólicas que constroem o mundo como representação por sujeitos e coletividades.

Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objetivo a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, na qual os atores que dela fazem parte possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p.16).

De acordo com o teórico, não se constrói a "realidade social" em dado lugar e momento, nem é possível que ela seja pensada e dada a ler a não ser a partir de elementos socialmente disponíveis. Portanto, no que se refere à vida social, pode-se tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e refleti-las enquanto análise.

Pesavento aborda que, embora haja diferentes objetivos na construção da identidade, tanto a História quanto a Literatura apresentam o mundo social como "representação" e preceitua:

A ficção não seria o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela resgata é a re-

apresentação do mundo que comporta a forma narrativa (PESAVENTO, 1995, p.117).

Desta forma, ela entende que a partir deste conceito de representação é possível incluímos a Literatura como uma fonte histórica. Segundo esta linha de pensamento, entende-se que o texto literário pode servir como uma "representação" que retrata a sociedade de uma época por meio do seu contexto: a descrição dos personagens, a forma como os mesmos se comportam e, por fim, a estrutura em que o enredo é construído.

SANTOS & PINHEIRO, 2012, p.35-6

Para Roger Chartier, o próprio ato de "representar" é uma prática social e as práticas sociais não podem ser compreendidas sem as mediações simbólicas que constroem o mundo como representação por sujeitos e coletividades.

Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objetivo a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das *representações do mundo social*, na qual os atores que dela fazem parte possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p.16. Itálico nosso).

De acordo com o teórico, não se constrói a "realidade social" em dado lugar e momento, nem é possível que ela seja pensada e dada a ler a não ser a partir de elementos socialmente disponíveis. Portanto, no que se refere à vida social, pode-se tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e refleti-las enquanto análise. A historiadora Sandra Pesavento (1995), que trabalha a relação entre História e Literatura, aborda que, embora haja diferentes objetivos na construção da identidade, tanto a História quanto a Literatura apresentam o mundo social como "representação" e preceitua:

A ficção não seria o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa. (PESAVENTO, 1995, p.117).

Desta forma, ela entende que a partir deste conceito de representação é possível incluímos a Literatura como uma fonte histórica. Segundo esta linha de pensamento, entende-se que o texto literário pode servir como uma "representação" que retrata a sociedade de uma época por meio do seu contexto: a descrição dos personagens, a forma como os mesmos se comportam e, por fim, a estrutura em que o enredo é construído.

BISSOLI, 2015, p.79-80

É importante observar que um dos pontos relevantes na escrita de Tamanini dá-se pelo fato da vivência da escritora dentro do período em que escreveu suas obras, ou seja, embora ela tenha separado os fatos de sua vivência pessoal da sua obra ficcional, foi por meio do conhecimento vivido e dos lugares por onde andou que ela buscou espelhar uma literatura fidedigna em relação ao mundo narrado em suas ficções.

SANTOS & PINHEIRO, 2012, p.37

É importante observar que um dos pontos relevantes na escrita de Taunay dá-se pelo fato da vivência do escritor dentro do período em que escreveu suas obras, ou seja, embora ele tenha separado os fatos de sua vivência pessoal da sua obra ficcional, foi por meio do conhecimento vivido e dos lugares por onde andou que ele buscou retratar uma literatura fidedigna em relação ao mundo narrado em suas ficções.

BISSOLI, 2015, p.80

Antonio Candido traça uma fronteira entre a invenção e a realidade, que para ele em literatura são muito tênues quando afirma que "deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um vínculo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca" (CANDIDO, 1970, p. 69).

Para o crítico, a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada de acordo com a concepção do escritor, bem como com sua estética ou possibilidades criadoras. Ressalta ainda que a declaração de um criador a respeito de sua própria criação é ilusória. Candido entende que todas as personagens no final das contas são inventadas e que a ilusão do escritor de estar criando algo com base na realidade pode conduzi-lo a criar algo inventado, isto é, ao criar o escritor chega à composição de uma personagem que adentra a realidade de vários leitores.

Antonio Candido considera que a estrutura do romance como um todo é que vai delimitar o verossímil:

O que julgamos inverossímil, segundo padrões da vida corrente, é, na verdade, incoerente, em face da estrutura do livro. Se nos capacitarmos disto – graças à análise literária – veremos que, embora o vínculo com a vida, o desejo de representar o real, seja a chave mestra da eficácia dum romance, a condição do seu pleno funcionamento, e portanto do funcionamento das personagens, depende dum critério estético de organização interna. Se esta funciona, aceitaremos inclusive o que é inverossímil em face das concepções correntes (CANDIDO, 1970, p. 77).

Tamanini foi capaz de enquadrar a história de Karina em um conjunto que constrói uma representação histórico-literária através da figura do imigrante, bem como abordou aspectos políticos, sociais e morais, tocando em temas como: a colonização por meio da imigração italiana, o crescimento do interior do Espírito Santo, a constituição da família, a vida social e aspectos religiosos.

SANTOS & PINHEIRO, 2012, p.37-8

Antonio Candido, por sua vez, traça uma fronteira entre a invenção e a realidade, que para ele em literatura são muito tênues quando afirma que "deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um vínculo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca" (Candido, 1970, p. 69). Para o crítico, a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada de acordo com a concepção do escritor, bem como com sua estética ou possibilidades criadoras. Ressalta ainda que a declaração de um criador a respeito de sua própria criação é ilusória. Candido entende que todas as personagens no final das contas são inventadas e que a ilusão do escritor de estar criando algo com base na realidade pode conduzi-lo a criar algo inventado, isto é, ao criar o escritor chega a composição de uma personagem que adentra a realidade de vários leitores.

Por fim, Antonio Candido considera que a estrutura do romance como um todo é que vai delimitar o verossímil:

O que julgamos inverossímil, segundo padrões da vida corrente, é, na verdade, incoerente, em face da estrutura do livro. Se nos capacitarmos disto – graças à análise literária – veremos que, embora o vínculo com a vida, o desejo de representar o real, seja a chave mestra da eficácia dum romance, a condição do seu pleno funcionamento, e portanto do funcionamento das personagens, depende dum critério estético de organização interna. Se esta funciona, aceitaremos inclusive o que é inverossímil em face das concepções correntes (CANDIDO, 1970, p. 77).

Sendo Taunay um "homem de pouca fantasia e muito senso de observação", conforme descrito por Bosi (2006, p. 145), foi capaz de enquadrar a história de Trajano Sobral em um conjunto que constrói uma representação histórico-literária através das figuras de um Brasil em transição, bem como de abordar aspectos políticos, sociais e morais, tocando em temas como: a escravidão, a colonização por meio da imigração estrangeira, o anticlericalismo, entre outros.

Anexo II – Comparação com outras fontes, a partir de uso de ferramenta de detecção de plágio

BISSOLI, 2015, p.14

Busatto comenta este momento, comparando a situação vivida na Itália ao inferno; e a fuga para a América, como a busca pelo paraíso:

Quem deixa a pátria onde nasceu por causa da pobreza, da fome, das guerras e da miséria coletiva é porque foge do inferno, e procura encontrar o paraíso ou o eldorado noutro lugar. Não é preciso apelar para os relatos míticos e transcendentais da religião que colocam um inferno e um paraíso além. Os italianos viviam uma realidade histórica crucial em que o inferno era a Itália, o paraíso era a América (...) (BUSATTO, 1990, p. 242).

Nesta busca pelo eldorado, milhares de imigrantes deixaram a Itália em busca de uma vida melhor na América e se instalaram na região serrana do Espírito Santo⁵. Fundaram, dentre outras, a cidade de Santa Teresa - cidade de colonização italiana localizada no Espírito Santo, a setenta e oito quilômetros da capital, Vitória. Santa Teresa é cenário desse romance que, pelas características temáticas e a forma de abordagem, o classificarei como "romance histórico".

Mesmo distante de sua terra natal os imigrantes italianos conseguiram reproduzir no novo território, com natureza muito diferente da que conheciam, parte de sua cultura do norte da Itália.

SCALZER, Simone Zamprogno; GENOVEZ, Patrícia Falco. *A configuração urbana e identidade italiana em Santa Teresa/ES*. Disponível em <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340386975_ARQUIVO_SCALZER_A_configuracao_urbana.pdf>

Busatto (1990, p.242) comenta este momento, comparando a situação vivida na Itália ao inferno; e a fuga para a América, como a busca pelo paraíso:

Quem deixa a pátria onde nasceu por causa da pobreza, da fome, das guerras e da miséria coletiva é porque foge do inferno, e procura encontrar o paraíso ou o eldorado noutra lugar. Não é preciso apelar para os relatos míticos e transcendentais da religião que colocam um inferno e um paraíso além. Os italianos viviam uma realidade histórica crucial em que o inferno era a Itália, o paraíso era a América (...) (BUSATTO, 1990, p. 242).

Nesta busca pelo eldorado, milhares de imigrantes deixaram a Itália em busca de uma vida melhor na América, instalaram-se na região serrana do Espírito Santo e fundaram, dentre outras, a cidade de Santa Teresa, localizada a 78 quilômetros de Vitória, possuindo na atualidade uma população aproximada de 21mil habitantes (censo 2010). Mesmo distante de sua terra natal os imigrantes italianos conseguiram reproduzir no novo território, com natureza muito diferente da que conheciam, parte de sua cultura e da arquitetura típicas do norte da Itália.

=====
BISSOLI, 2015, p.15

Um dos episódios da história da imigração italiana no Espírito Santo tem como personagem principal um comerciante e aventureiro originário de Trento, Pietro Tabacchi, que deixou a Itália fugindo dos credores, após a falência dos seus negócios.

Estabelecido na fazenda "Monte delle Palme", provavelmente desde 1851, em Santa Cruz, Tabacchi usou como pretexto para atrair imigrantes a ideia de que a produção de café no Espírito Santo teria um futuro certo. Os imigrantes iriam substituir a mão-de-obra escrava. Assim, pioneiramente, pôs em prática o que só seria feito alguns anos depois, com o êxito que ele não conseguiu ter, por centenas de latifundiários de São Paulo: trouxe lavradores europeus para suas terras ao pressentir o desespero do regime escravocrata.

A Expedição Tabacchi, como ficou conhecido esse projeto de colonização, envolveu 388 lavradores, um capelão e um médico, além de um auxiliar chamado Pietro Casagrande, que deixaram o porto de Gênova em janeiro de 1874, a bordo do veleiro "La Sofia", chegando 45 dias depois a Vitória para viver na colônia Nova Trento, entre Nova Almeida e Santa Cruz.

Conforme descrição do pintor francês Auguste François Biard, que esteve no Estado em 1858, Tabacchi era "magro, alto, com bigodes enrolados, um charuto na boca e na mão um longo bastão". Era conhecido pelo empenho com que se dedicava à derrubada de jacarandás, madeira altamente lucrativa e com certeza o principal objetivo do seu empreendimento comercial. Tanto que, na primeira proposta feita ao governo imperial para implantar uma colônia agrícola com condições de abrigar 50 famílias de imigrantes, solicitava, em troca dos serviços que ia prestar, o direito de derrubar 3.500 árvores de jacarandá. A proposta era singular, tendo em vista que ela partia de um particular. Até então, os empreendimentos de colonização eram patrocinados diretamente pelo Império, sem intermediação da iniciativa privada. O pedido de Tabacchi, porém, não foi aceito.

Texto extraído da página <http://familiavalandro.blogspot.com.br/>, com data de 20/11/2010, intitulado "A verdadeira história de Francesco Valandro –RS"; o mesmo texto pode ser encontrado em "<http://www.woydt.be/genealogie/g18/g18x/18xxtapi01.htm>"

Um dos episódios mais controvertido da história da IMIGRAÇÃO ITALIANA ,no Espírito Santo, tem como personagem principal um comerciante e aventureiro , originário de Trento, PIETRO TABACCHI. Basilio Daemon que lhe foi contemporâneo, reportando-se a

individualidade de Tabacchi diz, que fora estudante de medicina na universidade de sua terra e que, envolvido em revolução política libertária, teve que se evadir. Fato não estranhável, pois as conspirações em Trento e na maioria das cidades italianas, sob o jugo austríaco, foram constantes até a libertação ocorrida em 1914. Sabe-se também que deixou a Itália fugindo dos credores, após a falência de seus negócios.

Estabelecido com a fazenda “Monte delle Palme” provavelmente desde 1851, em Santa Cruz, Tabacchi usou como pretexto para atrair imigrantes, a idéia de que a produção de café no Espírito Santo teria um futuro certo. Os imigrantes iriam substituir a mão de obra escrava. Assim pioneiramente pôs em prática o que só seria feito, alguns anos depois, com o êxito que ele não conseguiu ter, por centenas de latifundiários de São Paulo: trazer lavradores europeus para suas terras ao pressentir os estertores do regime escravocrata.

De acordo com a descrição de um pintor francês que esteve no Estado em 1858, Tabacchi “era magro, alto com bigodes enrolados, um charuto na boca e na mão um longo bastão”. Era conhecido pelo empenho com que se dedicava a derrubada de jacarandá, madeira altamente lucrativa, e com certeza o principal objetivo de seu empreendimento comercial. Tanto que, na primeira proposta feita para o governo imperial para implantar uma colônia agrícola com condições de abrigar 50 famílias de imigrantes, ofereceu-se para construir casas de taipa, cobertas de palha, solicitava em troca dos serviços que ia prestar, o direito de derrubar 3500 árvores de jacarandá nas matas públicas. A proposta era singular uma vez que partia de um particular. Até então os empreendimentos da colonização eram patrocinados diretamente pelo Império, sem intermediação da iniciativa privada. Mas o Imperador indeferiu o requerimento. E o Marques de Olinda, recomendou ao Presidente da Província que empregasse todos os meios de impedir a devastação das florestas. O pedido porém de Tabacchi não foi aceito.

=====

BISSOLI, 2015, p.26

São vários os estudos que tentam explicar a estreita relação que há entre história e ficção. Isso porque a História diz respeito a todo o universo de acontecimentos que envolvem o homem em sociedade, e a ficção procura representar os fatos históricos reconstruindo-os pela imaginação criadora do autor. Nesse sentido, a narrativa histórica e a narrativa ficcional se confundem em limites nem sempre perceptíveis, já que ambas são discursos.

Em relação a isso salienta Hutcheon (1991, p.122) “o que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos e que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado”.

PIMENTEL, Telmo de Maia. A estreita relação que há entre História e Literatura – Considerações sobre o romance histórico “Os sertões”. Revista Eletrônica Interdisciplinar. V.2, n.2, 2009. Disponível em <<http://www.univar.edu.br/revista/index.php/interdisciplinar/article/view/237>>

Muitos são os estudos que tentam explicar a estreita relação que há entre história e ficção. Isso porque a História diz respeito a todo o universo de acontecimentos que envolvem o homem em sociedade, e a ficção procura representar os fatos históricos reconstruindo-os pela imaginação criadora do autor. Nesse sentido, a narrativa histórica e a narrativa ficcional se confundem em limites nem sempre perceptíveis, já que ambas são discursos, em relação a isso salienta Hutcheon (1991, p.122) “O que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado”.

=====

BISSOLI, 2015, p.27

Aristóteles na sua Poética (1997) afirma que a Literatura é uma representação da realidade, assim surge a ideia de mimesis. A narrativa ficcional é construída a partir de uma imagem do real, é um discurso sobre o que poderia ter acontecido.

Para o filósofo, a História é a narrativa de fatos verídicos. Ambas, Literatura e História se aproximam a partir dessa narrativa.

KNAPP, Cristina Loff. A Representação da Imigração Italiana na obra O Caso do Martelo, de José Clemente Pozenato. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/comunicacao-16.pdf>>

Aristóteles na sua Poética (1997) afirma que a Literatura é uma representação da realidade - assim surge a ideia de mimesis. A narrativa ficcional é construída a partir de uma imagem do real, é um discurso sobre o que poderia ter acontecido.

Para o filósofo, a História é a narrativa de fatos verídicos. Ambas, Literatura e História se aproximam a partir dessa narrativa. A possibilidade de uma representação do real é o mote que subsidia a nossa reflexão na obra *O Caso do Martelo*. O texto de Pozenato procura fazer uma representação da colônia italiana.

=====

BISSOLI, 2015, p.27

Outro ponto de contato entre Literatura e História nasce do fato de que todo texto se subordina a uma categoria mais ampla, o discurso. Isso permite entender que o historiador se serve de um instrumento que pertenceria prioritariamente ao universo da literatura e permite-nos considerar a historiografia como um discurso menor, já que o texto historiográfico aponta para a univocidade, contra a equivocidade própria do texto literário.

Nesse sentido, Aristóteles contrapõe duas formas básicas de narrativa: a histórica e a poética. A primeira tem por objeto o dado concreto e inscreve-se no domínio da realidade efetiva, da experiência empiricamente verificável. A segunda, pelo contrário, é definida como uma realidade demarcada do mundo objetivo e transportada para o reino do possível.

A ficção surge, portanto, no pensamento de Aristóteles, como o território da verossimilhança, ou seja, daquilo que sem ser real é possível de se crer que tenha ou possa ter acontecido. O verossímil não é mais, portanto, que uma analogia do verdadeiro, e por isso pode-se dizer que a ficção é a capacidade de um fazer-criar, mercê do qual o artifício é tomado como um testemunho autêntico sobre a realidade e a vida, ou seja, a arte da ficção manifesta-se como arte da ilusão.

FERREIRA, Antonio Sérgio. RELAÇÕES ENTRE LITERATURA X HISTÓRIA. Diálogos Acadêmicos - Revista Eletrônica da Faculdade Semar/Unicastelo. V.1., n.1., outubro/janeiro 2010. Disponível em <<http://www.semar.edu.br/revista/downloads/edicao1/artigo-antonio-sergio-ferreira.pdf>>

Outro ponto de contato entre Literatura e História nasce do fato de que todo texto se subordina a uma categoria mais ampla, o discurso. Isso permite entender que o historiador se serve de um instrumento que pertenceria prioritariamente ao universo da literatura e permite-nos considerar a historiografia como um discurso menor, já que o texto historiográfico aponta para a univocidade, contra a equivocidade própria do texto literário.

Nesse sentido, Aristóteles em sua obra *Poética*, contrapõe duas formas básicas de narrativa: a histórica e a poética. A primeira tem por objeto o dado concreto e inscreve-se no domínio da realidade efetiva, da experiência empiricamente verificável. A segunda, pelo contrário, é definida como uma realidade demarcada do mundo objetivo e transportada para o reino do possível: "Não é obra de um poeta dizer o que aconteceu, mas o que poderia acontecer, e o que é possível acontecer, segundo o que é verossímil e necessário" (Aristóteles, 2001, p. 252).

A ficção surge, portanto, no pensamento de Aristóteles, como o território da verossimilhança, ou seja, daquilo que sem ser real é possível de se crer que tenha ou possa ter acontecido. O verossímil não é mais, portanto, que uma analogia do verdadeiro, e por isso pode-se dizer que a ficção é a capacidade de um fazer-criar, mercê do qual o artifício é tomado como um testemunho autêntico sobre a realidade e a vida. Ou seja, a arte da ficção manifesta-se como arte da ilusão.

=====

BISSOLI, 2015, p.31

Primeiramente, Barthes trabalha com a enunciação. No nível do discurso, apresentam-se os shifters, termo criado por Roman Jakobson e que permite a passagem do enunciado à enunciação. O discurso histórico revela dois tipos de shifters. O primeiro, denominado como a categoria de escuta: que designa toda a menção das fontes, dos testemunhos, toda a referência a uma escuta do historiador, buscando fatos "alhores" de seu discurso.

O segundo tipo de shifter se revela nos signos declarados pelo historiador (enunciante) que organiza o seu próprio discurso, retoma-o, modifica-o em meio a pontos explícitos de referência. Funcionando como organizador, encontra-se neste shifter um problema de atrito entre o tempo da enunciação e o tempo da matéria enunciada. Assim, destacam-se três fatos do discurso que remetem a esse atrito.

O primeiro está nos fenômenos de aceleração da história, em que o número de páginas compromete a linearidade do discurso, pois, em algumas páginas, podem ser contados séculos e quando se aproxima do tempo do historiador, a história caminha lentamente por se fazer mais significativa a enunciação.

A segunda maneira dos discursos aprofunda o tempo histórico, chamando-se de história em "zigzague". Uma vez que aparece um novo personagem, volta-se para os ancestrais desse e só depois recomeça a história. O terceiro fato do discurso está no papel destrutor dos shifters de organização relacionados ao tempo crônico da história. Nesse caso, Barthes fala das inaugurações do discurso histórico, lugares onde se encontram o começo do que está sendo enunciado e o "exórdio" da enunciação.

Os signos citados fazem parte apenas do processo da enunciação. Porém, há outros que não mencionam o ato da enunciação e sim os protagonistas, o destinatário ou enunciator. No discurso histórico, os signos de destinação estão geralmente ausentes e vão acontecer apenas quando a história se dá como uma lição. Já os signos do enunciator são mais frequentes; o historiador é um sujeito vazio de enunciação, que predicativamente tenta se fundar como uma pessoa. O enunciator ausenta-se de seu discurso para remeter à mensagem histórica, como se a história se contasse sozinha. Pretende-se, com isso, um discurso histórico objetivo em que "o enunciator anula a sua pessoa passional, mas a substitui por outra pessoa, a pessoa 'objetiva'" (BARTHES, 2004, p. 169).

KRISTIUK, Márcia Rejane. *O Caminho da Pedra: um diálogo entre Literatura e História*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Regional Integrada do

Alto Uruguai e das Missões. Frederico Westphalen-RS, 2008. Disponível em <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/46.pdf>> pp.13-14

Primeiramente, Barthes trabalha com a enunciação. No nível do discurso, apresentam-se os shifters, termo criado por Roman Jakobson e que permite a passagem do enunciado à enunciação. O discurso histórico revela dois tipos de shifters. O primeiro, denominado como a categoria de escuta: que designa toda a menção das fontes, dos testemunhos, toda a referência a uma escuta do historiador, buscando fatos “alhores” de seu discurso.

O segundo tipo de shifter se revela nos signos declarados pelo historiador (enunciante) que organiza o seu próprio discurso, retoma-o, modifica-o em meio a pontos explícitos de referência. Funcionando como organizador, encontra-se neste shifter um problema de atrito entre o tempo da enunciação e o tempo da matéria enunciada. Assim, destacam-se três fatos do discurso que remetem a esse atrito. O primeiro está nos fenômenos de aceleração da história, em que o número de páginas compromete a linearidade do discurso, pois, em algumas páginas, podem ser contados séculos e quando se aproxima do tempo do historiador, a história caminha lentamente por se fazer mais significativa a enunciação.

A segunda maneira dos discursos aprofunda o tempo histórico, chamando-se de história em “zigzague”. Uma vez que aparece um novo personagem, volta-se para os ancestrais desse e só depois recomeça a história. O terceiro fato do discurso está no papel destrutor dos shifters de organização relacionados ao tempo crônico da história. Nesse caso, Barthes fala das inaugurações do discurso histórico, lugares onde se encontram o começo do que está sendo enunciado e o “exórdio” da enunciação.

Os signos citados fazem parte apenas do processo da enunciação. Porém, há outros que não mencionam o ato da enunciação e sim os protagonistas, o destinatário ou enunciator. No discurso histórico, os signos de destinação estão geralmente ausentes e vão acontecer apenas quando a história se dá como uma lição.

Já os signos do enunciator são mais frequentes; o historiador é um sujeito vazio de enunciação, que predicativamente tenta se fundar como uma pessoa. O enunciator ausenta-se de seu discurso para remeter à mensagem histórica, como se a história se contasse sozinha. Pretende-se, com isso, um discurso histórico objetivo em que “o enunciator anula a sua pessoa passional, mas a substitui por outra pessoa, a pessoa ‘objetiva’” (BARTHES, 2004, p. 169).

=====

BISSOLI, 2015, p.34-5

Walter Mignolo (2001) ressalva que a história, em grego antigo (istoreo), tinha o significado de “informe de testemunhas oculares”, sendo traduzido para o latim como “história” e vista sob a concepção cicerônica (testemunha dos tempos, luz da memória, mestra da vida). Reporta-se, também, à poesia sob o conceito de imitação no momento em que foi substituída pelo termo literatura, provocando uma mudança paralela na noção de estética.

O teórico afirma que o conceito de literatura passou a ter um sentido restrito, caracterizado por termos como “imitação”, “discurso escrito”, “beleza”. Também ocorre uma mudança em que a noção de arte não mais significa atividades reguladas por um fim; mas veio a “significar um tipo de atividades semióticas e os produtos dessas atividades. Por ‘arte’ começou-se a entender um conjunto de produtos semióticos orientados para a consecução de efeitos estéticos” (MIGNOLO, 2001, p.117).

Prosseguindo a conceituação, estabeleceu-se um paralelo em que a literatura se enquadrava no sistema das artes e a história, no sistema das ciências. Esta abordagem tratava as duas áreas citadas como um saber não acumulado, mas “sim como um saber adquirido por meio do exame crítico da documentação ou da busca de “leis” do mundo humano (MIGNOLO, 2001, p. 117).

Walter Mignolo trabalha sua tese no sentido de entender as semelhanças e as diferenças entre determinadas práticas discursivas, historiográficas, literárias e antropológicas. O teórico, em seu texto *A lógica das diferenças II: regras, convenções e normas* (2001) distingue a literatura da história, submetendo a primeira à convenção de ficcionalidade e a segunda, à convenção de veracidade.

KRISTIUK, 2008, p.12-13

Walter Mignolo (2001) ressalva que a história, em grego antigo (ístoreo), tinha o significado de “informe de testemunhas oculares”, sendo traduzido para o latim como “história” e vista sob a concepção cicerônica (testemunha dos tempos, luz da memória, mestra da vida). Reporta-se, também, à poesia sob o conceito de imitação no momento em que foi substituída pelo termo literatura, provocando uma mudança paralela na noção de estética.

O teórico afirma que o conceito de literatura passou a ter um sentido restrito, caracterizado por termos como “imitação”, “discurso escrito”, “beleza”. Também ocorre uma mudança em que a noção de arte não mais significa atividades reguladas por um fim; mas veio a “significar um tipo de atividades semióticas e os produtos dessas atividades. Por ‘arte’ começou-se a entender um conjunto de produtos semióticos orientados para a consecução de efeitos estéticos” (MIGNOLO, 2001, p.117).

Prosseguindo a conceituação, estabeleceu-se um paralelo em que a literatura se enquadrava no sistema das artes e a história, no sistema das ciências. Esta abordagem tratava as duas áreas citadas como um saber não acumulado, mas “sim como um saber adquirido por meio do exame crítico da documentação ou da busca de “leis” do mundo humano (MIGNOLO, 2001, p. 117).

Walter Mignolo trabalha sua tese no sentido de entender as semelhanças e as diferenças entre determinadas práticas discursivas, historiográficas, literárias e antropológicas. O teórico, em seu texto *A lógica das diferenças II: regras, convenções e normas* (2001) distingue a literatura da história, submetendo a primeira à convenção de ficcionalidade e a segunda, à convenção de veracidade.

=====
BISSOLI, 2015, p.37-38

A linguagem é um aspecto que torna compreensível e familiar o evento histórico, segundo White (1994, p. 108-109). O historiador deve preferir a linguagem “figurativa” à técnica, uma vez que esta é familiar apenas a quem foi instruído em seu uso. A linguagem culta habitual é utilizada como instrumento característico de codificação, comunicação e intercâmbio do conhecimento histórico. Devem-se utilizar as técnicas de linguagem figurativa que facilitarão o entendimento aos dados, tornando familiar o estranho e compreensível o passado misterioso. Isso, porque narrativas históricas trazem características figurativas dos eventos que irão representar e explicar.

Significativamente, narrativas históricas podem ser construídas pelo modo do discurso figurativo em que são moldadas.

A definição da convenção de veracidade, feita por Walter Mignolo (2001), tem primeiramente o comprometimento do falante com o “dito” pelo discurso, assumindo a instância de enunciação que o sustenta, com isso, o falante pode mentir ou estar exposto à desconfiança do ouvinte. O enunciante espera que seu discurso seja interpretado mediante uma relação “intencional” com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala, com isso, fica exposto ao erro.

De outro lado, a definição de ficcionalidade não requer o comprometimento do falante com a verdade do “dito” pelo discurso, logo, o falante não está exposto à mentira. Não se espera a interpretação de seu discurso mediante uma relação “extensional” com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala, desse modo, o enunciante não está exposto ao erro.

Tais definições apresentadas levam a alguns aspectos das relações entre literatura e história. Os conceitos de veracidade e ficcionalidade demonstram que a literatura, em seu discurso, pode criar situações sem correr o risco de mentir ou errar, porque seu comprometimento é com a criação e não com a verdade. A história tem um comprometimento maior com a verdade e não com a criação (ficção).

Nesta proposição, podem-se perceber alguns aspectos levantados nas relações entre literatura e história (historiografia): Em primeiro lugar, “o emprego da linguagem de acordo com as normas literárias pode, ainda que não necessariamente tenha que, enquadrar-se na convenção de ficcionalidade” (MIGNOLO, 2001, p. 124).

[ainda as quatro próximas páginas]

KRISTIUK, 2008, p.19-20

A linguagem é um aspecto que torna compreensível e familiar o evento histórico, segundo White (1994, p. 108-109). O historiador deve preferir a linguagem “figurativa” à técnica, uma vez que esta é familiar apenas a quem foi instruído em seu uso. A linguagem culta habitual é utilizada como instrumento característico de codificação, comunicação e intercâmbio do conhecimento histórico. Devem-se utilizar as técnicas de linguagem figurativa que facilitarão o entendimento aos dados, tornando familiar o estranho e compreensível o passado misterioso. Isso, porque narrativas históricas trazem características figurativas dos eventos que irão representar e explicar. Significativamente, narrativas históricas podem ser construídas pelo modo do discurso figurativo em que são moldadas.

A definição da convenção de veracidade, feita por Walter Mignolo (2001), tem primeiramente o comprometimento do falante com o “dito” pelo discurso, assumindo a instância de enunciação que o sustenta, com isso, o falante pode mentir ou estar exposto à desconfiança do ouvinte. O enunciante espera que seu discurso seja interpretado mediante uma relação “intencional” com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala, com isso, fica exposto ao erro.

De outro lado, a definição de ficcionalidade não requer o comprometimento do falante com a verdade do “dito” pelo discurso, logo, o falante não está exposto à mentira. Não se espera a interpretação de seu discurso mediante uma relação “extensional” com os objetos, entidades e acontecimentos dos quais fala, desse modo, o enunciante não está exposto ao erro.

Tais definições apresentadas levam a alguns aspectos das relações entre literatura e história. Os conceitos de veracidade e ficcionalidade demonstram que a literatura, em seu discurso, pode criar situações sem correr o risco de mentir ou errar, porque seu comprometimento é com a criação e não com a verdade. A história tem um comprometimento maior com a verdade e não com a criação (ficção).

Nesta proposição, podem-se perceber alguns aspectos levantados nas relações entre literatura e história (historiografia): Em primeiro lugar, “o emprego da linguagem de acordo com as normas literárias pode, ainda que não necessariamente tenha que, enquadrar-se na convenção de ficcionalidade” (MIGNOLO, 2001, p. 124).

[ainda as quatro próximas páginas]

=====

BISSOLI, 2015, p.64-5

Mikhail Bakhtin (2010) realiza um estudo dessa associação binária tempo-espaço no romance e apresenta o cronotopo como “uma categoria conteudístico-formal da literatura” imprescindível para compreensão das estruturas dessas narrativas.

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se penetra no movimento do tempo, do enredo e da história.

O cronotopo bakhtiniano reforça a ideia de que os sentidos gerados a partir das relações espaço-temporais em que as personagens estão vinculadas influem na compreensão dos fatos narrados. As narrativas direta ou indiretamente parecem atrelar seus enredos em tempo e espaço bem determinados. O estudo extensivo histórico-literário revela a importância dada à questão do tempo e do espaço ao longo da história do romance. Esse ponto intensificador da teoria de Bakhtin ancora a arte numa dimensão histórico-social na qual o tempo e o espaço se entrelaçam concomitantemente, influenciando decisivamente sobre a tipificação dos personagens e na estética do texto.

CRUZ, Edinília Nascimento. O Tempo-Espaço em *Inocência*, de Visconde de Taunay. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_431.pdf> pp. 1-2

Em *Questões de Literatura e de Estética* (2010), Mikhail Bakhtin realiza um estudo dessa associação binária tempo-espaço no romance e apresenta o cronotopo como “uma categoria conteudístico-formal da literatura” imprescindível para compreensão das estruturas dessas narrativas:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. (BAKHTIN, 2010, p.11)

(...)

O cronotopo bakhtiniano reforça a ideia de que os sentidos gerados a partir das relações espaço-temporais em que as personagens estão vinculadas influem na compreensão dos fatos narrados. As narrativas direta ou indiretamente parecem atrelar seus enredos em tempo e espaço bem determinados. O estudo extensivo histórico-literário revela a importância dada à questão do tempo e do espaço ao longo da história do romance. “Todos os elementos abstratos do romance – as generalizações filosóficas e sociais, as idéias, as análises das causas e dos efeitos, etc. – gravitam ao redor do cronotopo, graças ao qual se enchem de carne e de sangue, e se iniciam no caráter imagético da arte-literária.” (BAKHTIN, 2010, p.356) Esse ponto

intensificador da teoria de Bakhtin ancora a arte numa dimensão histórico-social na qual o tempo e o espaço se entrelaçam concomitantemente, influenciando decisivamente sobre a tipificação dos personagens e na estética do texto.

ASSINATURA DOS PRESENTES À REUNIÃO:

Attila Piovesan

Ester Abreu Vieira de Oliveira

Fabíola Simão Padilha Trefzger

Lino Machado

Maria Amélia Dalvi Salgueiro

Maria Mirtis Caser

Paulo Roberto Sodré

Sérgio da Fonseca Amaral

Viviana Mónica Vermes

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro

PRESENTES À LEITURA:

1)

2)

3)

4)

5)